



26 NOV. 2020 16H00  
18H00

## DISCURSO DE ESTADO DO SETOR

Senhor Ministro da Economia,

Dr. Pedro Siza Vieira,

(e em Vossa Excelência cumprimento todos os dignitários que nos estão a seguir )

Caros colegas empresárias e empresários,

Minhas senhoras, meus senhores,

Esta é uma edição diferente do “Fórum da Indústria Têxtil”, pois, no contexto da pandemia que ainda estamos a viver, teve de ser realizado por via digital, expediente que encontramos para não deixar de descontinuar esta iniciativa que, ao longo de quase 25 anos, tem reunido com regularidade a fileira têxtil e vestuário portuguesa para discutir os seus problemas, constrangimentos, desafios e ambições. E sempre para projetar o seu futuro, mais do que discutir o seu passado.

Nunca, como hoje, vivemos uma situação tão difícil, e nunca, como hoje, fomos sujeitos à prova suprema da sobrevivência generalizada.

A pandemia do COVID 19 apanhou o mundo de surpresa e arrastou-o para uma situação inimaginável, cujo prolongamento sem fim à vista, num contexto de incerteza como jamais se viveu, nos confunde e nos assusta, mas não nos faz desistir.

Ao longo dos últimos 20 anos, a Indústria Têxtil e Vestuário portuguesa deu provas de uma extraordinária resiliência e de uma capacidade única de se adaptar e reinventar. Organizada, desde há muito, numa lógica de “cluster”, primeiro natural e hoje mais estruturado, composta essencialmente por PME familiares, a ITV nacional possui um conjunto de características que lhe conferem flexibilidade, capacidade de se ajustar e um “lead time”, imbatível à escala global, respondendo às exigências crescentes de maior rapidez na resposta às encomendas e sua colocação logística nos mercados. Com o fenómeno da globalização em crescimento, que se



26 NOV. 2020 16H00  
18H00

corporizou na liberalização plena do comércio têxtil global, em 2005, o sector viu-se encurralado pela concorrência asiática, que, com base na escala, preço e outros expedientes menos compagináveis com o comércio livre e justo, teve de se refazer, ascendendo na cadeia de valor, diferenciando produtos pela intensidade de serviço, moda, design e inovação tecnológica, tornando-se um verdadeiro “case study” internacional, que muitos querem imitar em outras geografias. Mais recentemente, com as alterações profundas no comportamento do consumidor, que já estavam a penalizar o sistema moda global clássico, a ITV portuguesa juntou a sustentabilidade ao *portfolio* das suas vantagens competitivas, demonstrando ser a indústria têxtil, à escala internacional, mais capaz de juntar a excelência produtiva, o design orientado ao mercado e a inovação tecnológica mais avançada com a sustentabilidade, em todas as suas vertentes, com especial incidência na circularidade da economia e na gestão dos recursos naturais escassos e não renováveis.

A pandemia não veio interromper esta tendência, mas pelo contrário acentuá-la, abrindo novas perspectivas, que a normalidade possível que se espera restaurar em breve, virá recuperar, sem olvidar a emergência de novas atividades, mais tecnológicas, orientadas à saúde e proteção, que o contexto obrigou muitas empresas a abraçar, no desespero da sobrevivência, mas que, para algumas, foi oportunidade para diversificarem produtos, competências, mercados e clientes.

E aqui chegamos, procurando recuperar ao longo de todo este ano, de modo a minorar perdas, a retomar exportações e a segurar empregos, repetindo a história recente que vivemos por duas vezes ao longo dos últimos vinte anos, mas que, nem por isso, esmorecem o nosso empenho e o nosso propósito.

Lamentamos, contudo, Senhor Ministro da Economia, que nem sempre o Governo tenha compreendido o nosso esforço e esteja à altura do nosso combate, apoiando-nos como era sua suprema obrigação, num momento extremo e excecional como o que vivemos.

Importa, contudo, ressaltar que V.Exa. procurou sempre ouvir-nos e atender-nos, apesar de sabermos que não é fácil defender os valores da iniciativa privada e da competitividade empresarial e da economia em geral, quando se integra um Governo que tem vindo a priorizar o Estado, secundarizando a iniciativa privada.

Desde sempre consideramos o Ministro da Economia como o Provedor das empresas dentro do Governo, e, em abono da verdade, temos de reconhecer que V.Exa. atendeu as nossas solicitações e anseios, quer no primeiro pacote de medidas quer neste último, recentemente anunciado, apesar de entendermos que poderiam ter ido mais longe e os apoios terem mais



26 NOV. 2020 16H00  
18H00

expressão, concordante com o momento extremo que o tecido empresarial vive. Recordamos que Portugal é um dos países que menos disponibilizou recursos para compensar os impactos da economia, o que nos deixa perplexos face à vulnerabilidade das empresas e dos efeitos que, a prazo, terão no crescimento e no desemprego, o colapso maciço que se antevê em muitos sectores.

Na esteira do que atrás referimos, não podemos igualmente deixar de manifestar a nossa desilusão que decorre do Orçamento de Estado para 2021, que ignorou totalmente as empresas, centrando-se só no Estado, nos apoios sociais e nos serviços públicos, assim como no “Plano de Recuperação e Resiliência”, onde apenas 19% dos fundos previstos, disponibilizados pela União Europeia, se dirigem ao tecido empresarial, sendo tudo o resto alocado a aliviar a despesa do Estado no apoio social, na modernização digital da Administração Pública e em investimento público em energias renováveis ou em infraestruturas, muitas de questionável interesse.

Embora saibamos que o contexto que atrás caracterizamos não nos permite sermos atendidos como merecíamos, importa, contudo, uma vez mais, vincar o que entendemos como prioritário:

- 1) a aposta do país na reindustrialização da sua atividade económica, dando prioridade às indústrias transformadoras de bens transacionáveis que têm tradição em Portugal, que provam saber inovar e são concorrenciais à escala internacional, em detrimento de apostas de risco em novos sectores, sobre os quais nada sabemos, e que poderão converter-se num esbanjar de recursos, de que o país não pode dar-se ao luxo;
- 2) criar um contexto de forte atratividade do investimento direto estrangeiro em indústrias de bens transacionáveis, uma vez que o capital é sempre escasso em Portugal, permitindo assim transferência de know-how, a geração expressiva de emprego e a garantia imediata do crescimento das exportações;
- 3) criar o contexto para a instalação atrativa de investimento (internacional e nacional), pressupõe melhorar o ambiente competitivo do país, a começar pela flexibilização da lei laboral (e não o inverso), a redução dos custos com a energia e com o dinheiro, e por uma efetiva desburocratização de procedimentos, pois, ao contrário do discurso do Governo, há cada vez mais burocracia e custos administrativos para lidar com tudo que envolve o Estado ou os seus serviços;
- 4) reforçar os apoios, com o auxílio dos fundos comunitários, que estão ainda longe estar consumidos – o “Portugal 2020” tem mais de 100% do valor cativado, mas menos de 50% das verbas aplicadas a um mês do seu fim! -, no apoio à capacitação empresarial, diretamente às



26 NOV. 2020 <sup>16H00</sup><sub>18H00</sub>

empresas e não ao Ministério da Educação ou a institutos públicos, e concentrar esforços nos programas de internacionalização, que os sectores têm vindo a realizar com assinalável êxito, discriminando os melhores projetos e os promotores de excelência, atendendo que a economia portuguesa vai ter um longo e duro caminho de recuperação de quota nos mercados externos na fase pós-covid;

5) reorientar os fundos do PRR – Programa de Recuperação e Resiliência para o apoio às atividades produtivas, em parceria com as empresas, de modo a tornar mais eficiente e reprodutivo o investimento, incluindo nos domínios da transição digital e diversificação energética, assim como garantir que o investimento público em infraestruturas fique em Portugal, a começar pelas empresas que as vão executar;

6) criar um verdadeiro banco de fomento, a exemplo dos melhores modelos europeus, pelo que não é preciso inventar nada, que ajude efetivamente as empresas a reforçar capitais próprios e a diversificar as fontes de financiamento, evitando que uma instituição como esta acabe como “bad bank” para empresas problemáticas, que o Estado quer salvar, mais por exigência ideológica do que imperativo de racionalidade; e, finalmente,

7) ainda decorrente da sugestão atrás avançada, exortamos a que o “Programa Capitalizar”, que muito lhe diz, seja retomado, atualizado e melhorado, até porque o contexto que vivemos e aquele que dele sairá assim o vai reclamar, uma vez que nele encontramos muitas medidas positivas, que, a serem aplicadas, neutras de política e ideologia, providenciariam um país mais competitivo, mais equilibrado e mais sustentável.

A Indústria Têxtil e Vestuário, tem consciência do seu peso na economia, no emprego e nas regiões onde predominantemente se encontra instalada, tem orgulho no seu árduo caminho, que lhe permitiu sobreviver aos mais difíceis desafios, sabe o que quer para si, e tudo aquilo que quer para ser forte e próspera é igualmente bom para toda a economia e o país.

Falamos sempre claro e sem ambiguidades, pois estamos permanentemente expostos às dificuldades e aos sacrifícios, do mesmo modo que somos sempre positivos e construtivos, pois quando criticamos apresentamos sugestões, as quais estamos sempre disponíveis para discutir e negociar, uma vez que o benefício de todos é o que nos move.

Apelamos, Senhor Ministro da Economia, para que não desista, no seio do Governo a que pertence, de defender quem cria riqueza e a distribui, quem cria emprego e exporta, quem investe e quem torna Portugal realmente mais moderno e desenvolvido, para que não seja só o Estado opção das políticas do Executivo, mesmo considerando a sua insubstituível missão e papel



26 NOV. 2020 <sup>15H00</sup>  
<sub>18H00</sub>

nas funções centrais a que é chamado, até porque dele não se espera criação de valor, mas que não mal empregue os seus escassos recursos.

Gostaria, a terminar, de testemunhar a determinação deste sector em ter um papel ativo na recuperação da economia, mormente no crescimento das exportações e do emprego qualificado. Respondemos positivamente sempre que o país nos pede, especialmente nos momentos mais graves como aquele que vivemos. Hoje. Tal como ontem. Como sempre.

Conte connosco, como, estamos certos, contaremos consigo.

Muito obrigado.

Vila Nova de Famalicão, 26 novembro de 2020

**Mário Jorge Machado**

**Presidente da ATP**